



AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA NAS OBRAS *BOM-CRIOULO* E *COM AMOR, SIMON*: PONTOS DE CONVERGÊNCIA E DISTANCIAMENTO NA RELAÇÃO NARRATIVA/HISTÓRIA

THE RELATIONSHIPS BETWEEN HISTORY AND LITERATURE IN THE WORKS *BOM-CRIOULO* AND *COM AMOR, SIMON*: POINTS OF CONVERGENCE AND DISTANCING IN THE NARRATIVE / HISTORY RELATIONSHIP.

LAS RELACIONES ENTRE HISTORIA Y LITERATURA EN LAS OBRAS *BOM-CRIOULO* Y *COM AMOR, SIMON*: PUNTOS DE CONVERGENCIA Y DISTANCIA EN LA RELACIÓN NARRATIVA / HISTORIA.

Natanael Araújo Faustino

Graduado em Licenciatura em Ciências Humanas/História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA;

Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA

natan.faustino@gmail.com // <http://orcid.org/0000-0002-2563-7089>

Wheriston Neris

Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS;

Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão;

Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFMA/Imperatriz;

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFMA/Bacabal

wheriston.neris@ufma.br // <http://orcid.org/0000-0002-0296-2874>

Recebido em 07/03/2021; Aprovado em 22/03/2021; Publicado em 21/06/2021

Resumo: discutir homossexualidade em qualquer área que se tenha interesse torna-se não apenas um trabalho de estudo ligado a análise de fato, é imprescindível uma abordagem sempre mais ampla ligada ao meio histórico e social. Dessa forma, o que se busca neste trabalho é fazer um apanhado sobre história, sociedade e literatura, com enfoque na temática homossexual. Para além disso, o que se pretende também é construir uma análise a respeito de como se deu a construção histórico-social dos romances *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha, lançado em 1895, e *Com Amor, Simon* escrito por Becky Albertalli e lançado no Brasil em 2016, buscando neles pontos de convergência ou distanciamento entre a construção das narrativas literárias e o meio em quem foram idealizadas. Busca-se dessa forma ir além de observar as relações no sentido da sexualidade, trazendo as correspondências entre as mudanças sociais e históricas junto às mudanças concebidas na literatura de forma geral, como a posição do narrador e do personagem durante o desenvolvimento das obras, e como o meio, além de influenciar, é descrito na narrativa, convergindo pontos de distanciamento e distanciando pontos de proximidade no que diz respeito à forma que se fala de erotismo e sexualidade entre *Bom-Crioulo* e *Com Amor, Simon*.

Palavras-Chave: Homossexualidade; Identidade; História; Literatura.

Abstract: discussing homosexuality in any area that one is interested in, it is not only a study work linked to de facto analysis, an ever broader approach linked to the historical and social environment is essential. Thus, what is sought in this work is to make an overview of history, society and literature, focusing on the homosexual theme. In addition, what is also intended is to build an analysis of how the social-historical construction of the novels *Bom-Crioulo* by Adolfo Caminha,



launched in 1895, and *Love, Simon* written by Becky Albertalli and launched in Brazil in 2016, looking for points of convergence or distance between the construction of literary narratives and the environment in which they were conceived. In this way, we seek to go beyond observing relationships in the sense of sexuality, bringing the correspondences between social and historical changes together with changes conceived in literature in general, such as the position of the narrator and the character during the development of the works, and how the medium, in addition to influencing, is described in the narrative, converging points of distancing and distancing points of proximity with regard to the form of eroticism and sexuality between *Bom-Crioulo* and *Com Amor, Simon*.

Keywords: Homosexuality; Identity; History; Literature.

Resumen: hablar de homosexualidad en cualquier área que le interese, no se trata solo de un trabajo de estudio vinculado al análisis de facto, es fundamental un enfoque cada vez más amplio vinculado al entorno histórico y social. Así, lo que se busca en este trabajo es hacer un repaso de la historia, la sociedad y la literatura, volviendo al tema homosexual. Además, lo que también se pretende es construir un análisis de cómo la construcción histórico-social de las novelas *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha, lanzada en 1895, y *Con Amor, Simon* escrita por Becky Albertalli y lanzada en Brasil en 2016, buscando puntos de convergencia o distancia entre la construcción de las narrativas literarias y el entorno en el que fueron concebidas. De esta forma, buscamos ir más allá de la observación de las relaciones en el sentido de la sexualidad, acercando las correspondencias entre los cambios sociales e históricos junto con los cambios concebidos en la literatura en general, como la posición del narrador y el personaje durante el desarrollo de las obras, y cómo el medio, además de influir, se describe en la narrativa, puntos convergentes de distanciamiento y puntos de proximidad distanciadores respecto a la forma de erotismo y sexualidad entre *Bom-Crioulo* y *Com Amor, Simon*.

Palabras-clave: Homosexualidad; Identidad; Historia; Literatura.

INTRODUÇÃO

Observar e analisar a construção do comportamento ou das vivências homossexuais parte de uma premissa que vai além do ser sexualizado construído por outrem dentro da linha histórica, social e em demais formas de estudo e pesquisa sobre o comportamento desse grupo de indivíduos. É de fundamental importância olhar o construto do indivíduo pelo próprio indivíduo, ir além do que se fez, se falou ou se narrou a respeito desse grupo: é possível dar voz a eles e deixar que contem suas histórias. É sabido da existência do comportamento homoerótico no decorrer da linha histórica e também que tal comportamento vem sofrendo modificação internas e externas. Internas no sentido do próprio indivíduo que se refaz, se reconstrói e se adapta ao meio; externa também, já que o grupo de indivíduos igualmente inclinados ao homoerotismo influencia o indivíduo e o meio como um todo, permitindo que grupos se reorganizem, ideias nasçam ou se refaçam. Esse fato não se dá necessariamente pelo desconhecimento total da existência de tais indivíduos, mas principalmente por lacunas deixadas ao longo da linha histórica a respeito desse comportamento ou até mesmo pela fragilidade de debates ligados à homossexualidade, fragilidade essa que só seria



33



Um exemplo prático do poder da dualidade da questão de gênero heterossexual no meio homossexual é citado no livro *Além do Carnaval*, de James Green (2000), no qual são apresentados os termos Bicha e Bofe. Bofe é como se classifica o homossexual masculinizado, não afeminado e que por vezes pratica a heterossexualidade; bicha é atribuído ao homossexual afeminado que busca sexo e por satisfazer-se a todo custo. Os últimos eram mais recriminados e tidos como menos importantes no meio homossexual, principalmente por ligarem seu comportamento ao comportamento feminino, o que também contribuía para difundir a ideia de fragilidade feminina.

Surge, a partir daí, a necessidade de uma autoidentidade, principalmente dos mais discriminados – nesse caso, os tidos afeminados. Tal identidade começa a se consolidar a partir das revoltas de 1968 ocorridas na cidade de São Francisco, onde se dá início às lutas mais voltadas à visibilidade e identidade em si. Os moldes que antes prendiam o indivíduo já eram quebrados mesmo antes da década de 1960, porém foi nessa década que o movimento homossexual começou a ganhar um *corpus* político, abrangendo a todos os homossexualmente inclinados.

Estamos observando nos últimos anos, uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de “identidade”. O conceito tem sido submetido, ao mesmo tempo, a uma severa crítica. Como se pode explicar esse paradoxal fenômeno? Onde nos situamos relativamente ao conceito de “identidade”? Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada (HALL, 2015, p. 103).

A fluidez dos comportamentos fez nascer um novo indivíduo, que tendeu a libertar-se mais facilmente das amarras de tradições, dando início a uma reconstrução pessoal e de determinados grupos. Com a crescente ascensão dos grupos minoritários, a identidade individual foi basilar e ao mesmo tempo interferida por tais movimentos grupais. A junção entre a identidade pessoal e coletiva tornou-se algo comum, aumentando ainda mais a fluidez identitária. É a partir daí que a interseccionalidade une-se como um aporte teórico, explicando como as diversas faces opressoras atingem um único indivíduo, o que também permite a possibilidade de observar suas próprias identidades diversas, a própria capacidade de carregar várias identidades. Nesse entremeio, o movimento homossexual toma força, une-se a uma luta coletiva por uma identidade coletiva e ao mesmo tempo busca descobrir suas interseccionalidades pessoais, para assim tentar entender sua identidade fluida.

As pessoas que têm um estigma particular tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu – uma “carreira moral” semelhante, que não é só causa como



efeito do compromisso com uma sequência semelhante de ajustamentos pessoais
(GOFFMAN, 1988, p. 41)

Com a abertura dada pela multiplicidade explícita das identidades pessoais e grupais, surge a crescente demanda por localizar-se em contextos mais fechados, porém não menos abertos; fala-se mais constantemente nas muitas formas de sexualidade e das aberturas dadas a esse tema, e é nesse contexto que se tem uma maior gama de debates unindo sexualidade, identidade e outros muitos sentidos de observação teórica. Abre-se, assim, a discussão para as áreas da educação, pedagogia, literatura, além das áreas de medicina, psicologia e psicanálise, as quais realizam um trabalho de pesquisa relacionado ao corpo e comportamento dos homossexuais.

Dessa forma, é possível destacar que a invisibilidade dos homoeroticamente inclinados transpassou a fronteira dos discursos e análises históricas e sociais, atingindo, assim, a produção literária, o que levou a resguardar tais produções da existência de indivíduos homossexuais ou comportamentos homoafetivos.

Por muito tempo, a crítica especializada preferiu deixar de lado a presença do homoerotismo nas obras literárias, considerando esse desejo como um elemento sem importância para a análise crítica; principalmente em um tempo em que a análise da obra era, necessariamente, vinculada à biografia do escritor. Negar o homoerotismo da obra era também negar o desejo homoerótico de seu criador. Já que esse desejo era associado, comumente, à doença e ao crime, ele tornou-se um tabu para a crítica literária (SOUZA, 2010, p. 10).

Era como uma necessidade de esconder o desejo homossexual nas obras literárias, não apenas por medo do autor de deixar de ser invisível: o que se nota é que o meio social influenciaria diretamente na exposição ou não desse comportamento dentro das obras. Era a influência do próprio público e da própria crítica que faziam esconder qualquer traço de comportamento homoafetivo. Como citado por José Quiroga (2004), também o fato de fazer com que esse comportamento não seja percebido não provém do texto, mas de seus leitores, que insistiram em ludibriá-lo de forma a obrigar a sua rebelião a se adaptar aos bons costumes.

Há, assim, a possibilidade de se considerar que a produção literária sofre influência exterior; levando em consideração o período histórico e o meio social podemos ter convicção dessa máxima. Podemos considerar que não nos basta falar diretamente da produção literária sem considerar sua produção, da mesma forma que não é possível negar diretamente a não discussão de determinada temática julgando apenas a vontade do autor. Tudo parte de um conjunto, mesmo sendo possível admitir, em partes, que o próprio autor influenciaria diretamente, mas há ainda questões ligadas a reconhecimento e fatores econômicos. De modo geral, tem-se a certeza que houve sempre uma



existência do comportamento homoafetivo dentro de obras literárias, assim, restaria analisar se tais comportamentos eram implícitos ou explícitos, e se a obra se criava no entorno dessa discussão ou se havia apenas uma ou outra menção no decorrer da trama.

Nacionalmente, temos alguns exemplos de obras que obedecem aos pontos supracitados, que possuem traços do comportamento homoafetivo em alguns de seus personagens ou em que tal comportamento é bastante evidente; além disso, algumas obras têm como fio condutor a homossexualidade e outras não. Podemos citar *Um Homem Gasto*, *O Ateneu* e *Bom-Crioulo*, todas produzidas em períodos históricos com características parecidas, a partir de meados do século XIX, e com características distintas, tanto em suas tramas quanto na forma que tratam a homoafetividade.

Em *Um Homem Gasto* (1885) de Lourenço Ferreira da Silva Leal, utilizando o pseudônimo de L.L., o personagem Alberto deixa-se levar pela vida desregrada sexualmente, fato que o conduz ao extremo físico; isso faz com que seu corpo se torne gasto e inapto a sentir prazer sexual, levando-o a buscar saídas médicas na possibilidade de recuperar seu vigor sexual, e não sendo possível este resultado, o personagem comete suicídio. Nessa obra, é relatada uma experiência do personagem ainda na época do internato, desencadeada pelo relacionamento com um de seus tutores. A prática homoafetiva é um detalhe que pouco pesa no decorrer do romance, tanto que pouco foi mencionada pela crítica, que liga a obra mais a questões médicas.

Raul Pompéia produz, em 1888, *O Ateneu*, narrando a entrada e permanência de Sérgio no internato que dá nome ao livro; o personagem leva consigo apenas as experiências relatadas por seu pai quando estava no Ateneu. Na obra, o comportamento homossexual se apresenta na relação entre os próprios estudantes do internato, tipo de conduta que é totalmente reprimível, pois há, evidentemente, a resposta negativa a qualquer comportamento homoafetivo. A obra se liga mais a críticas sociais e políticas, deixando a homossexualidade apenas como um detalhe.

O Bom-Crioulo, de 1895, escrito por Adolfo Caminha, foge, por sua vez, do ideário das narrativas citadas anteriormente. Nesse romance, temos a abertura explícita do desejo homoafetivo do personagem, e por essa razão, é considerado a primeira obra com temática homossexualmente aberta publicada no Brasil. Conta a história de um escravo fugitivo que se alista na Marinha e se apaixona por um de seus companheiros, e além disso, é possível notar em alguns outros momentos a descrição de atos “não apropriados” praticados por outros marinheiros. Apesar de tratar abertamente a homossexualidade, há detalhes que mantêm uma certa barreira em relação à abertura e desenvolvimento da temática.

Para além do já discutido, o que se pretende, a partir desse momento, é criar uma análise no entorno das devidas aberturas dadas às produções literárias com temática ligada à



homoafetividade, homossexualidade e homoerotismo, levando em consideração que esses termos possuem suas especificidades que serão relacionadas mais adiante, e que é possível associá-los a determinados momentos das obras literárias que serão analisadas. Será necessária, ainda, uma breve discussão a respeito dos Estudos Culturais e da abertura dada por eles às produções de grupos minoritários, além de discorrer sobre a construção de uma literatura homossexual anterior à tal linha de estudo. Outro ponto é buscar diferenciar detalhes nas narrativas analisadas que justifiquem a abertura conquistada dentro da produção literária homossexual. Temos, assim, como base para a análise, as obras *Bom-Crioulo* e *Com Amor, Simon*, que possuem um longo espaço temporal de distância em relação a suas produções, nos dando abertura a discutir as mudanças históricas, sociais e literárias entre ambas.

VAMOS AOS TERMOS

Como citado anteriormente, há uma classificação necessária a ser feita entre os termos que mais serão citados nesse trabalho, como também já o foram. O trabalho se desenvolve no entorno da homossexualidade, da homoafetividade e do homoerotismo: mesmo parecendo idênticos e tendo realmente um sentido quase único, há certo diferencial, que se dá primeiramente em relação à construção histórica de cada um, estendendo-se até suas abrangências. Também será necessário abrir uma discussão sobre o termo Gay, que mesmo não fazendo parte do intuito geral da análise deste trabalho, será essencial para entendermos a questão do comportamento homossexual na atualidade. De forma concisa, o termo Gay só passou a ser cunhado na década de 1960, nos Estados Unidos, em decorrência das revoluções sociais que aconteceram em São Francisco – o confronto do dia 28 de junho de 1968, que marcou o Dia Internacional do Orgulho Gay.

O termo homossexualidade ou homossexual, mesmo sendo amplamente utilizado atualmente de forma mais branda, já carregou bastante estigma. Primeiramente, o termo deriva da palavra Homossexualismo, que até hoje é colocada como pejorativa ou separatista pelo fato de ligar-se ao termo médico/psicológico/psiquiátrico, relacionado à doença e como se tal comportamento fosse passível de cura.

O termo homossexual é cunhado em 1869 pelo médico suíço Karole Maria Benkert, passando a ser veiculado na língua inglesa na última década do século XIX, adotado pelo sexologista Havelock Ellis. Tal termo está intimamente vinculado ao discurso médico (...) a homossexualidade era considerada então como doença. (...) Derivado de homossexualismo, para denominar aqueles que buscam essa prática sexual, o termo representaria uma personagem imaginária, uma antinorma do modelo pregado pela burguesia oitocentista, que, a partir do



século XX apresenta a excessiva preocupação de definir os homens em heterossexuais e homossexuais (SIMÕES JUNIOR, 2005, p. 5).

Para além deste termo, podemos citar o homoerotismo, denominação bem mais geral e por vezes mais ampla. Ao citar o termo homoerótico, é possível ir além do dualismo heterossexual/homossexual, trata-se de olhar o comportamento como um todo, não apenas ligado ao comportamento sexual. A expressão foi adotada por volta de 1911 pelo antropólogo alemão Ferdinand Karsch-Haack, ao referir-se à possibilidade de um mesmo indivíduo sentir diversas formas de atração erótica por outro do mesmo sexo, independentemente de assumir ou não uma identidade homossexual.

Homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou dos desejos dos homens sexualmente orientados (tradução nossa). (...) Interpretar a ideia de “homossexualidade” como uma essência, uma estrutura ou denominador sexual comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico. Penso que a noção de homoerotismo tem a vantagem de tentar afastar-se tanto quanto possível desse engano (COSTA, 2002, p. 22).

Neste sentido, há, portanto, uma diferenciação histórica entre os dois termos: o segundo pode parecer mais viável em qualquer discussão, entretanto, o primeiro já perdeu o peso da ligação aos termos médicos, principalmente quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o vocábulo homossexualismo da lista de patologias, pondo-o em desuso e colocando sobre ele a denominação homossexual, que se liga ao comportamento natural humano da mesma forma que se fala de heterossexualidade. Ademais, segundo a visão pós-estruturalista de Foucault (1998), homossexualidade e heterossexualidade são aspectos das múltiplas identidades socioculturais que condicionam nossas maneiras de viver, sentir, pensar, amar, sofrer, e não situações universais, condicionadas apenas e tão somente ao sexo biológico.

Já ao falarmos de homoafetividade, a ligação que melhor se encaixa ao termo está atrelada à necessidade de criação de uma analogia à união civil por pessoas do mesmo sexo, abertura de direitos conquistada nacionalmente a partir de 2013. Contudo, ainda no ano de 2000, a ex-desembargadora Maria Berenice Dias (2011), na primeira edição da obra *União Homossexual: o preconceito e a justiça*, criou o neologismo homoafetividade, para clarificar que a união entre pessoas do mesmo sexo nada mais é do que um vínculo de afeto.

Outros termos ainda se fazem presente e se mantêm em constante reconstrução, como o termo Gay, que se tornou símbolo atual da luta conta a repressão e em busca de direitos e liberdade; e o termo *Queer*, definido por Guacira Lopes Louro (2004), que tem como tradução direta a palavra



estranho, e pode ser considerado o mais recente dentre os termos ligados ao relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. Mesmo que não signifique diretamente que tenha correspondência com sexo ou sexualidade, o termo *Queer* nasce da busca por uma característica pós-identitária de quem não conseguia se encaixar nos denominadores sexuais e de gênero. Outros termos já foram usados ao longo dos séculos e em diversas sociedades denominando o mesmo comportamento, entretanto, nos limitaremos a usar os três que foram acima citados.

Assim, discutir a composição de uma literatura homossexual anterior às revoluções culturais do século XX vai muito mais além de se observar a temática ou como os termos se dão ao longo da narrativa. É necessária uma observação maior aos fatores políticos e sociais, sem deixar de notar a composição estética, e também levar tais fatores em conjunção para melhor observar detalhes da narrativa. A exemplo disso, podemos citar novamente as obras *Um Homem Gasto* e *O Ateneu*: as duas narrativas foram constituídas anteriormente aos Estudos Culturais e mesmo antes de existir uma literatura homossexual propriamente dita, entretanto, é possível encontrar traços de homossexualidade nas narrativas.

Ao citar obras com qualquer denominador homossexual anterior aos Estudos Culturais, é preciso observar que não se buscava uma discussão direta sobre o comportamento homossexual, em comparação à atualidade, por exemplo. Havia mais uma preocupação relacionada a protestos políticos e sociais que diretamente à caracterização de um comportamento. Não apenas podemos tratar como um fator de protesto, implícito ou explícito; há além disso uma questão estética, que vale tanto quanto a questão política para a construção de uma narrativa.

Pensando dessa forma, podemos dizer que tanto o critério político quanto o estético são os determinantes para a construção e manutenção do conceito de gênero literário e também de sua história, embora outros fatores (não fosse o momento histórico atualmente vivenciado) pudessem funcionar como balizas capazes de fornecer com mais precisão conceitos universais sobre o assunto em pauta. Mesmo analisando obras literárias gays, primeiramente pelo caráter político, não podemos deixar de reiterar que o fator estético termina sendo, do ponto de vista da crítica e da teoria literárias, o elemento primeiro e último que fecharia o círculo em torno da questão aventada (SILVA, 2012, p. 87).

Segundo o autor acima mencionado, o fator estético está diretamente atrelado à construção visual e sonora do texto, que atribuem maior realidade e sentimento à produção para assim torná-la um objeto político-ideológico. Em suma, a construção de uma literatura homossexual anterior às lutas pela identidade dos grupos minoritários partia mais da primícia de obediência aos requisitos principais para a composição estética do texto, e dentro disso, poderiam inserir-se as questões sociais e políticas. Essas características são bem evidentes nas duas obras acima citadas, e só



mudaram, em parte, com a publicação de *Bom-Crioulo*, que apresenta maior detalhamento do comportamento homossexual, visando o comportamento, mesmo sem deixar de lado a questão estética.

Algumas mudanças mais significativas em relação a essa realidade só aconteceram em meados do século XX, com o desenvolvimento dos Estudos Culturais, que surgiram em conjunto com as revoluções sociais de diversos grupos minoritários. Como descrito por Cevalco (2008), esses estudos surgiram na Grã-Bretanha com a intenção de unificar o ensino, popularizar as experiências pessoais e dar voz à população menos assistida, e foi fundamental para a vitória da Segunda Guerra Mundial. No Brasil, o principal representante dos Estudos Culturais foi Antônio Candido, oficialmente nos anos 90, mesmo com a área já se refletindo em alguns estudos dentro do país.

O campo dos Estudos Culturais surge, de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, *The Uses of Literacy* (1957), Richard Hoggart funda em 1964 o Centro. Ele surge ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação da mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCCS (ESCOSTEGUY, 2001, p. 151).

O objetivo principal dos Estudos Culturais viria a ser acrescentar ânimo aos discursos proferidos por grupos minoritários e assim conseguir um embasamento mais relevante aos seus ideais, buscando ampliar os conceitos de cultura e identidade, e retirando, assim, parte do poder de fala de grupos que tendiam a reger o comportamento dos demais. Todo esse movimento atingiu principalmente o local de fala de grupos reprimidos e deu mais abertura para estes falarem de si mesmos, concretizando a identidade própria de cada um. Dentro da literatura, a mudança de paradigmas foi relevante a partir do momento que grupos dados como pertencentes a subculturas conquistaram o espaço para escreverem sobre eles mesmos, criando uma forma de narrativa própria desse período de nascimento de uma identidade. Junto a isso, as mudanças dentro da composição literária mudaram: para além das questões estéticas dos textos homoafetivos, buscou-se repensar a narrativa, deu-se poder à voz do narrador e se notou a construção de maior descrição em relação aos comportamentos e maior abertura sobre a fala do próprio homossexual.

(...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado. A assim chamada “crise de identidade”



é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais da sociedade moderna (HALL, 2015, p. 09).

De forma mais concisa, a literatura gay veio para justificar o desligamento dos moldes heterossexuais que guiam a sociedade. Há agora a necessidade de uma identidade literária do próprio homossexual, e abre-se, assim, a possibilidade do homossexual falar de si mesmo, de seus comportamentos, vivências, sentimentos. A chamada crise, no que se diz respeito à identidade, veio para multiplicar as identidades por muito tempo engessadas; dessa maneira, surgem as múltiplas análises das várias facetas sobre o comportamento. É aí que outras áreas do conhecimento encontram terrenos favoráveis para uma maior abrangência no que diz respeito às formas de observar os comportamentos.

DUAS FORMAS DE OBSERVAR A LITERATURA HOMOSSEXUAL

Para além do que já foi discutido, podemos criar uma teia de análises relacionadas a duas obras específicas, para assim deixar mais óbvio as diferenças e aproximações entre temáticas direcionadas à homossexualidade, mesmo em épocas distintas. Temos como exemplo a obra de Adolfo Caminha, *Bom-Crioulo*, de 1895, e *Simon vs. the Homo Sapiens Agenda*, escrito por Becky Albertalli em 2015 e chegando ao Brasil com o título *Com Amor, Simon* em 2016. Muito além do debate sobre a nacionalidade das obras, sendo uma brasileira e outra norte-americana, o foco será diretamente na construção das narrativas e nas mudanças ocorridas externamente aos textos, direcionando-nos à questão sociológica e histórica que os influenciaram.

Dessa forma, conseguimos dividir nossas análises sobre dois romances, ambos com temáticas iguais, porém construídos em séculos distintos e, podemos dizer, com finalidades diferentes. *Bom-Crioulo* foi lançado ainda no século XX, provavelmente tendo sido construído anos antes. O romance traz a história de Amaro, um escravo fugitivo que se alista na Marinha, buscando assim uma forma de sobrevivência e adesão à sociedade carioca oitocentista; tal ato era bem comum após a Abolição da Escravatura, em 1888. Após seu alistamento, o crioulo Amaro vê-se fixado a uma atração que nem mesmo ele consegue explicar, cujo alvo é o grumete Aleixo, seu companheiro de Marinha. A narrativa se cerca de detalhes comportamentais de ambos os personagens, sem deixar de lado o detalhamento de outros comportamentos, como o do capitão do navio ao qual Amaro é alocado, que apresenta a figura de um homem imponente, bem vestido e controlador. Há também momentos em que se percebe como o contato entre homens é recebido dentro da própria Marinha, com seus códigos de honra, respeito e comportamento: é narrado, por exemplo, o momento em que dois marinheiros são descobertos em um ato que infringe o código de



comportamento e são severamente castigados em público. Alguns outros detalhes são importantes, como o castigo dado a Amaro por ter agredido um de seus companheiros no momento em que tenta defender Aleixo; o *Bom-Crioulo*, apesar de receber esse nome por ser calmo e prestativo, perde o controle, e ao ser castigado é levado ao Hospital da Marinha e afastado de seu grumete. Antes disso, a narrativa já descreve a aproximação entre os dois e o momento em que se instalam em uma pensão, momento descrito como de extrema felicidade para Amaro por estar perto de seu amado. Ao fim, há o inesperado comportamento de Amaro, que possuído pelo ciúme, tira a vida de seu amado grumete com as próprias mãos.

De modo geral, a obra de Adolfo Caminha, apesar do detalhamento das relações, principalmente entre os dois protagonistas, é criada com a intenção de criticar os códigos e os comportamentos muitas vezes encobertos pela Marinha. Tendo isso como o ponto de partida, é criada uma narrativa complexa, que busca descrever as relações pessoais, o desenvolvimento político brasileiro ainda influenciado pela monarquia e os locais existentes na geografia da cidade do Rio de Janeiro, trazendo o público para próximo da obra e criando uma atmosfera mais realista no conto, além de descrever as relações entre Amaro, Aleixo e outros personagens.

Com Amor, Simon é um romance atual e que ganhou maior repercussão após sua adaptação aos cinemas, em 2018¹. A narrativa gira em torno da vida de Simon Spier, de 16 anos; o adolescente é assumidamente gay, porém não publicamente. Sua vida é bem tranquila em relação aos seus pais e colegas, apesar de seu comportamento ser o primeiro repressor de sua sexualidade. Sua timidez e o medo de ser descoberto o mantêm em silêncio sobre este fato. Em dado momento, os alunos de sua escola criam um blog para discutir temas diversos anonimamente, e nessa plataforma Simon conhece outro integrante desse grupo, Blue. Ambos criam uma ligação forte e se sentem abertos a detalhar mais sobre sua sexualidade e descobertas, até então, em segredo. Um outro colega de Simon, por descuido, encontra os e-mails trocados entre Blue e Jacques, codinome secreto Simon. A partir deste momento, o personagem principal é chantageado a ajudar seu possível delator ou seria desmascarado. Simon aceita, até o momento em que tudo foge de seus planos, ele é descoberto, e fica com medo e vergonha de sua sexualidade, se afasta de seus amigos por conta de alguns de seus próprios comportamentos e é, por fim, encarado por sua família, que o compreende e aceita. Entretanto, o personagem Blue se mantém em silêncio até a chegada do clímax da trama,

¹ Dirigido por Greg Berlanti, é um filme de romance e comédia dramática norte-americano, baseado no romance *Simon vs. the Homo Sapiens Agenda*, de Becky Albertalli, estrelado por Nick Robinson, Josh Duhamel e Jennifer Garner. Robinson interpreta o personagem principal, Simon Spier. Estreado em 27 de fevereiro de 2018 no Mardi Gras Film Festival, foi lançado nos cinemas Norte-Americanos em 16 de março de 2018 pela 20th Century Fox. No Brasil o filme teve pré-estreias em 22 de março do mesmo ano.



em que sua identidade é revelada: ele é um amigo de Simon, que por ser tímido e sofrer pressão da família ainda não havia se assumido gay.

Os dois romances são aparentemente tão distintos que é complicado, por vezes, encontrar pontos de ligação em relação a suas narrativas. É verdade que há mais pontos de distanciamento que de aproximação, entretanto, existem detalhes que os tornam próximos além do fato de tratarem da homossexualidade. De modo geral, temos dois personagens homossexuais: Amaro, que sabe de seus sentimentos por outro homem e tenta escondê-los, principalmente por não os entender e pela própria sociedade que reprime fortemente tais comportamentos, e para isso, mantém seu segredo até o momento em que conhece Aleixo e fica em dúvida entre assumir o que sente ou se manter em silêncio.

Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como força magnética de um imã (CAMINHA, 1991, p. 18-19).

E Simon, que tem certeza de sua sexualidade, o processo de autoaceitação já foi transpassado por ele e sua maior barreira é o medo externo a isso, pois não consegue ter certeza de que será aceito pelos outros, fato mantido principalmente por medo de julgamentos de colegas de escola e da própria família.

Bem. Acho que não. Embora essa coisa toda de sair do armário no fundo não me assuste. Acho que não. É uma caixa gigantesca cheia de constrangimento, e não vou fingir que anseio por esse dia. Mas provavelmente não seria o fim do mundo. Não para mim. O problema é que não sei como seria para Blue (ALBERTALLI, 2016, p. 10).

De um lado, temos Amaro, que precisava manter sua obediência ao código da Marinha, além de não poder ter sua sexualidade exposta abertamente por questões sociais mais complexas, pois custaria sua liberdade, mas apesar de manter-se em constante dúvida sabia de seu sentimento. Em contrapartida, temos Simon, que se preocupava mais com o futuro de seu relacionamento com o colega secreto Blue que com o que outros poderiam dizer, apesar de ser ciente das possíveis surpresas e constrangimentos.



Os trechos apresentados anteriormente deixam claro como é para cada um dos dois personagens o sentimento de aceitação, medo e dúvida, mas há outros detalhes, no sentido da análise literária, que cabem como justificativa para a diferenciação entre as duas narrativas. O primeiro ponto é a própria perspectiva do narrador em relação às obras. Aquele que narra é hoje percebido muito além de simplesmente quem conta a história, como era em outras épocas. Conforme explicado por Walter Benjamin (2012), o narrador como contador de história possui a narrativa em seu fim, a ele cabe a capacidade de transmissão e troca de experiências ao se contar uma história. Para Benjamin (2012), a construção da imagem mais importante do narrador se constituiu ainda mais importante no período entre as duas grandes Guerras Mundiais, e para ele, a não replicação dos fatos pelos contadores de história amenizariam os traumas de tais vivências.

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe mais conselhos nem sabe dá-los (BENJAMIN, 2012, p. 201).

Theodor Adorno em “A posição do narrador no romance contemporâneo” tem alguns pontos de convergência com Benjamin (2012), apesar de buscar caracterizar o narrador no romance e não como figura histórica descrita na obra “O Narrador”. Para Adorno, a indústria cultural retira o narrado de seu espaço principal no romance, e a partir desse momento “não se poderia mais narrar, embora a forma do romance exija a narração” (ADORNO, 2003, p. 55). Ainda segundo este autor, o narrador se caracteriza por ser uma câmera, indicando e sendo fiel aos acontecimentos, diferentemente de Norman Friedman (2002), que trata o narrador como alguém que não necessita de demasiada dedicação à realidade.

Voltando à análise das duas obras, em relação ao narrador podemos identificar que este trabalha de duas formas distintas nos dois romances. Ao ler *Bom-Crioulo*, podemos observar o narrador como descrito por Adorno (2003), como se ele representasse uma lente, uma câmera ou uma lupa que nos mostra os fatos; se mantém presente em todos os espaços e vê todos os acontecimentos. Ele é a voz que norteia a narrativa e fala pelos personagens. Como descrito por Friedman, o autor/narrador onisciente fala como o “eu” ou como o “nós”, não há local fixo de observação para ele.

“Onisciência” significa literalmente, aqui, um ponto de vista totalmente ilimitado – e, logo, difícil de controlar, a estória pode ser vista de um ou de todos os ângulos. (...) Não a nada que impeça o autor de escolher qualquer deles. (...) Autor



Onisciente Intruso é a presença das intromissões e generalizações autorais sobre a vida, os modos e as morais, que podem ou não estar explicitamente relacionadas com a estória à mão (FRIEDMAN, 2002, p. 173).

Um outro tipo de narrador descrito por Friedman se encaixa nas descrições do narrador de *Com Amor, Simon*: aqui, temos um personagem-narrador ou narrador-testemunha; “O narrador-testemunha é um personagem em seu próprio direito dentro da estória, mais ou menos envolvido na ação, que fala ao leitor em primeira pessoa” (FRIEDMAN, 2002, p. 175-176).

Com a transferência da responsabilidade de narrativa da testemunha para um dos personagens principais, que conta a estória na primeira pessoa, alguns outros canais de informações são eliminados e mais alguns pontos de vantagem perdidos. (...) O narrador-protagonista, portanto, encontra-se quase inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções (FRIEDMAN, 2002, p. 176-177).

Simon é, assim, o narrador de sua própria história, a maioria dos fatos acontecem sob sua perspectiva, além de ele mesmo guiar as falas e narrativas, dando abertura ou não para o que os outros personagens têm a dizer. Essa característica é quase que geral para todo o romance; o narrador-personagem consegue, mesmo preso aos seus próprios pensamentos, conduzir a história dependendo de seus pensamentos. Uma característica principal do que acontece em *Com Amor, Simon* é a forma como a narrativa se caracteriza: o narrador dá voz aos personagens e abertura aos fatos. Ele próprio conduz e dá a caracterização dos ambientes.

Na segunda, Leah vem falar comigo assim que chego à escola.

— Oi — diz ela. — Nora, vou roubá-lo de você.

— E aí? — pergunto.

A rampa que leva ao portão principal tem uma beirada de concreto. Algumas partes são tão baixas que parecem uma espécie de prateleira para a bunda.

Leah evita meu olhar.

— Fiz uma mixtape para você — diz ela, me entregando um CD em uma capa de plástico transparente. — Pode colocar no seu iPod quando chegar em casa. Como preferir (ALBERTALLI, 2016, p. 60-61).

Em contrapartida, o narrador onisciente de *Bom-Crioulo* apenas olha os fatos, não interage e nem os modifica; ele é como a câmera que Adorno exemplifica, captando os fatos e os transmitindo, sem modificá-los ou se interpor a eles.

O rapazinho mordida distraidamente a ponta do lenço de chita azul-escuro com pintinhas brancas, ouvindo as promessas do outro, sonhando uma vida cor-de-rosa lá nesse Rio de Janeiro tão falado, onde havia uma grande montanha



chamada Pão d'Açúcar, e onde o imperador tinha o seu palácio, um casarão bonito com paredes de ouro... (CAMINHA, 1991, 24).

(...) Haviam de morar juntos, num quarto da rua da Misericórdia, num comodozinho de quinze mil-réis onde coubessem duas camas de ferro, ou mesmo uma só, larga, espaçosa... Ele, Bom-Crioulo, pagava tudo com o seu soldo. Podia-se viver uma vida tranqüila. Se continuassem no mesmo navio, não haveria cousa melhor; se, porém, a sorte os separasse dava-se jeito. Nada é impossível debaixo do céu (CAMINHA, 1991, p. 25).

Mesmo com suas divergências, podemos observar em ambas as narrativas o anseio pela liberdade dos desejos dos personagens, de serem realmente quem são e viver abertamente como homossexuais. Para Amaro, as barreiras sociais são mais duras que para Simon, entretanto, os dois ainda vivem suas realidades escondidas, característica que mais aproxima as duas obras. O que as difere é a forma como cada narrativa é conduzida e a maneira que o narrador é inserido. De um lado, temos um narrador neutro, que apenas observa e não se insere, retratando bem o medo imposto pela sociedade da época, em que mesmo havendo abertura para se construir um romance com tais características, o autor se exime de entregar-se totalmente à construção, prefere manter-se longe e retirar de si parte da responsabilidade de pertencer ao meio que ele mesmo narra. Diferentemente de Simon, personagem que narra sua vivência; o autor não tem receio de dar voz ao personagem que é homossexual, mesmo que isso seja descoberto ao longo da narrativa. O autor, personagem e narrador se inserem no romance, pois o meio social em que a obra foi construída já lhes dá abertura para isso.

É de fundamental importância abrir um adendo sobre a construção social e histórica das obras no que diz respeito ao período histórico e à formação social que as acompanha. O Brasil de 1800 da obra de Caminha trazia mais fortemente as marcas do controle da escravidão; além disso, as relações sociais eram moldadas pelos acordos entre senhor e servo, governo soberano e o povo, isso para não citar diretamente que não haviam debates abertos a respeito da construção das identidades pessoais e interpessoais relacionadas ao comportamento sexual. Todos esses pontos criam uma atmosfera referente à construção da obra que parecia não pretender falar exclusivamente do comportamento homossexual, pois o foco era fazer uma crítica, mostrar na obra que o meio causava influência no comportamento dos protagonistas.

Em contrapartida, o século XXI, com suas revoluções sociais e identitárias em andamento ou já sendo difundidas, busca criar um cenário em relação ao momento da aceitação e autoaceitação do personagem Simon. É evidente que a aceitação social já vem sendo mais debatida, o medo principal é como a autoaceitação será exposta e aceita por outros. O que se observa é que em momento algum há uma barreira social que dificulte a abertura necessária para a aceitação pública do personagem.



Por fim, é necessário levar em consideração alguns pontos neste debate: a sexualidade se mostra moldada pelo meio em que o indivíduo se encontra. Um meio histórico e social que busca levar em consideração os códigos de comportamento de determinadas instituições deixa marcas no comportamento pessoal, além de não permitir abertura para debates sobre diversidade e sexualidade, fatos que justificam, em parte, alguns comportamentos das instituições acima citadas e dos que estão diretamente inseridos na obra de Adolfo Caminha. As revoluções do final do século XX modificaram os parâmetros supracitados, principalmente no que diz respeito ao posicionamento individual e de determinados grupos ao discutir sexualidade e diversidade; é nesse ponto que entra, para nossa relação, o desenvolvimento de uma abertura maior no meio literário, por exemplo. Os detalhes comparativos expostos neste artigo são, assim, parte dessa comparação e das mudanças, que vão do posicionamento do autor e do personagem em relação à narrativa até às mudanças descritas no decorrer da história, como relações interpessoais mais amplas e o detalhamento do próprio meio em que se passa a obra, além da descrição de formas e comportamentos próprios das mudanças concebidas pela tecnologia. Um parêntese que pode ser aberto ao citar a obra de Becky Albertalli é a necessidade de um apelo também midiático em relação ao comportamento homossexual, trazendo junto da evidência da descoberta da sexualidade a necessidade de colocar os personagens em situações corriqueiras para atrair o público com trejeitos e falas diretamente ligadas ao público infanto-juvenil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar a construção das narrativas literárias sobre a homossexualidade vai muito mais além de buscar puramente olhar o texto e como ele é composto ou construído. Como em todas as narrativas produzidas por grupos minoritários, entre eles também os negros, mulheres e nativos, é fundamental observar as caracterizações externas ao próprio texto. É preciso ver o meio social e a ligação histórica entre o fato de se construir a narrativa e de quando, como e para quem ela é dirigida. Tudo isso se liga diretamente à construção de uma identidade adquirida por tais grupos e como essa identidade lhes possibilitou poder falar de suas próprias vivências.

As crises de identidade afloradas ao longo do século XX conseguiram modificar não só o comportamento do indivíduo ou de seus grupos, mas expandiram-se a suas narrativas; sendo assim, temos a confirmação de que as mudanças ocorridas entre a narrativa de *Bom-Crioulo* e a de *Com Amor*, *Simon* partem de um conjunto e que se mantêm em constante movimento.



Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudanças, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas (HALL, 2006, p. 7).

A sociedade oitocentista, com seus códigos e regras ainda arraigados por um modelo monárquico, interferiu diretamente na construção do *Bom-Crioulo*, desde o momento em que o romance foi construído com uma finalidade maior de crítica ao comportamento dos marinheiros e dos códigos rígidos da marinha e para isso se valeu da homossexualidade de um membro fictício desse grupo, até o momento de sua recepção pelo público, que manteve um duro receio sobre a obra.

A fragmentação das identidades foi responsável por dar voz ao homossexual moderno, fazendo com que este tome as decisões sobre sua aceitação, principalmente a aceitação social, modificando o comportamento e trazendo à tona uma gama de discussões que vão mais além do sexo, estendendo-se a saúde, educação, família e liberdade com amigos. Em relação à literatura, tudo isso se compacta em uma narrativa mais ampla, que não é mais fixa em um único personagem, mas que transpassa as relações pessoais e busca construir um enredo mais dinâmico, que muda o ponto de vista do próprio narrador, que geralmente fala de si; do meio, que demonstra mais abertura às escolhas do personagem; e da recepção, que é mais amigável e ampla no sentido de haver uma maior discussão sobre determinado tema.

Além do exposto, é necessário ir além das obras, além dos dois contextos apresentados, olhar o entorno externo à construção das obras: é preciso analisar o debate sobre a construção da aceitação, da não aceitação ou do medo de se aceitar como algo mais palpável. É necessário saber do medo de Amaro, dos receios que ele enfrentava, do meio que o cercava, da forma como são atribuídos os castigos, mas também como ele enfrenta sua sexualidade, mesmo sem saber ao certo o que sente, a maneira como a narrativa explora sua forma de amar, sendo ela mais erótica que sexual. Observa-se, em contrapartida, Simon e seu medo pessoal, que apesar da abertura social, tem um medo mais particular e relacionado ao seu convívio. É possível correlacionar a forma como tais personagens se entrelaçam entre a descoberta, o medo e o apelo erótico. Nota-se que há mais detalhes sobre atração e sentimento que falas diretamente atreladas a sexo.

Temos duas obras distintas, com construções estéticas diferentes em relação à narrativa, uma diferença histórica e social considerável, várias mudanças que diferem os dois meios, mas que não deixam de lado a importância de ver como a sexualidade é construída e como a homossexualidade é explicada em séculos diferentes.



49



GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. 102p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LEAL, Lourenço Ferreira da Silva. **Um homem gasto: episódio da história social do século XIX**. Estudo Naturalista por LL, 1885.

LOPES LOURO, Guacira. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte, Brasil: Autêntica, 2004.

POMPÉIA, Raul. **O ateneu**. São Paulo: Atelie Editorial, 1999.

QUIROGA, José. Prólogo. Impudor y luminosidad: homosexualidad y literatura. In: BALDERSTON, Daniel. **El deseo, enorme cicatriz luminosa. Ensayos sobre homossexualidades latinoamericanas**. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2004. p. 11-15. Disponível em: <http://d-scholarship.pitt.edu/18630/1/El_deseo.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. **Leitura**, v. 1, n. 49, p. 83-108, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/CCE/Downloads/946-3049-1-SM%20(8).pdf>. Acesso em: 03 out. 2020.

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso. De sodomita a homoerótico: as várias representações para as relações entre iguais. **Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 4, n. 7, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/CCE/Downloads/4758-24339-1-SM⁰20(3).pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

SOUZA, Warley Matias de. **Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. Joinville: Clube de Autores, 2010.